

A Linguística sempre se fez no feminino

Danniel da Silva Carvalho
Raquel Ko. Freitag

Como bem nos lembra a linguista galega Teresa Moure (2021, p. 13), a historiografia é um relato de poder. Ou pelo menos o foi por muito tempo. Mas, mesmo na contemporaneidade, a história tende, talvez por hábito, a ser, em certa medida, parcial. Essa parcialidade pode ser constatada nas narrativas exclusivistas, que apontam os lumes da história a determinado gênero, raça, classe, lugar. Mais uma vez trazemos Teresa Moure para essa apresentação:

[e]n el imaginario contemporáneo, las abuelas, como las mujeres del siglo XIX, as de la Edad Media e las de la Antigüedad, aparecen recluidas en el territorio doméstico. Para todas ellas, se supone una misma existencia, a largo de la historia y en las diferentes comunidades. El masculino genérico instituido en las lenguas románicas contribuyó decisivamente a divulgar este estereotipo que, sin mayores matices, es falso. Decimos *los griegos, los vikingos, los aborígenes americanos*, así en masculino, y lo que se nos viene a la cabeza inmediatamente es la imagen de un hombre con falda y sandalias, en el caso de los griegos; de un hombre con casco adornado con cuernos, en el caso de los vikingos, y de un hombre con plumas en la cabeza y la cara pintada, en el caso de los amerindios. Son imágenes estereotipadas y no siempre con sustento fidedigno, pero lo importante ahora es que nunca evocan personajes femeninos. (MOURE, 2021, p. 15-16)

Esse estereótipo comum masculino é mais bem sublinhado quando pensamos em personagens específicas: heróis. Em sua esmagadora maioria, os heróis da história são homens, em boa parte da cultura ocidental, militares ou políticos, pois essa cultura

foi constituída através de guerras. Mesmo figuras femininas proeminentes nas batalhas precisaram se passar por homens para serem incorporadas na história, como Joana D’Arc e Maria Quitéria de Jesus. Esse heroísmo masculino transitou sem dificuldade para as artes, por exemplo. São praticamente desconhecidas as artistas plásticas renascentistas, período essencial para o estabelecimento das artes plásticas no ocidente. Nomes como Sofonisba Anguissola (1532-1625), Lavinia Fontana (1552-1614) e Artemisia Gentileschi (1593-1692) não são incluídos em manuais escolares de introdução às artes plásticas. A filosofia e os estudos da linguagem seguiram essa tendência e permaneceram sem heroínas até o século XX. Mesmo quando há a tentativa de reparar esse desequilíbrio no protagonismo feminino nas artes e na filosofia, o mesmo espírito é mantido e elas aparecem como figurantes ou coadjuvantes, tendo destaque somente nas revoluções feministas.

No entanto, sabe-se que o apagamento de um protagonismo feminino é fruto do fantástico monumento masculino erigido sempre que algo de importância histórica sucedeu. Os fundamentos de qualquer área sempre foram propostos por homens e apenas eles.

E com a Linguística não foi diferente. Mesmo simplificando seu surgimento, datando-o do início do século XX, tempo em que mulheres já ingressavam em universidades na Europa e nos Estados Unidos, a Linguística “moderna” tem um pai. Otto Jespersen (1922) nos deu uma pista da razão para a orfandade da Linguística, uma vez que escreveu, seguindo o pensamento dominante até então, haver uma inferioridade linguística feminina (JESPERSEN, 1922, p. 237). De acordo com seus argumentos, haveria grande perigo de a língua se tornar “lânguida e insípida se sempre quisermos contentar-nos com expressões femininas” (JESPERSEN, 1922, p. 247). Sendo ou não sendo a razão de (praticamente) não haver nomes de mulheres mencionados nos manuais de linguística, elas foram na realidade

deixadas de lado na história mundial da linguística.

Felizmente, e principalmente a partir da segunda metade do século XX, mulheres como Robin Lakoff questionaram essa pretensa superioridade linguística masculina ao tempo que linguistas mulheres ganharam espaço na ciência.

Diferentemente da história das ideias linguísticas no resto do mundo, boa parte de seus protagonistas no Brasil foi feminina. Nossos olhos e ouvidos acostumaram-se há muito tempo com antropônimos masculinos nessa área do conhecimento. Da mesma forma que nas demais ciências, a da linguagem é marcada pela orfandade de “mães” e pelo número de “pais”. Saussure, Pierce, Bloomfield, Jakobson, Chomsky, Benveniste, Labov, Pêcheux, Halliday,... são nomes sinônimos de linguística nos manuais que nos apresentam a área em nosso primeiro encontro com a disciplina nas cadeiras do curso de Letras. No entanto, em boa parte das faculdades de Letras do Brasil, sua introdução foi feita por mãos, mentes e línguas femininas. Dessa maneira, qualquer relato histórico, qualquer memória das ideias linguísticas no Brasil deve apresentar as legítimas “mães” que a área possui.

Aqui, o papel da linguista foi fundamental na divulgação dessa ainda jovem ciência. Atribui-se a importação e fundação da linguística enquanto disciplina dos cursos de Letras no país a Joaquim Mattoso Camara Jr. em 1938, na então Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro. No entanto, como apontam alguns estudos historiográficos brasileiros, a partir da segunda metade do século XX, essa disciplina deve às mulheres sua divulgação em grande parte do Brasil. Nos anos 1950 e 1960, podemos citar os nomes de Madre Olívia e suas contribuições para a pesquisa semântico-sintática e ensino do português, e de Maria Antonieta Celani, expoente da Linguística Aplicada, ambas da PUC-SP. Merece ainda destaque o papel dessas e de outras formidáveis mulheres no estabelecimento da disciplina em programas de pós-

graduação no país, com destaque à região nordeste, que deve, em diversas instituições, a elas a fundação dos próprios programas de pós-graduação na área (ver GOMES et al., 2019).

No entanto, seu papel, ainda que valorosíssimo, inicialmente pareceu restrito às paredes da sala de aula, uma vez que livros e artigos eram publicados por autores. Se tomarmos como exemplo a revista *ALFA: Revista de Linguística*, publicada pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, cujo lançamento de seu primeiro número data de 1962 e é um dos mais importantes periódicos da área em circulação no Brasil, vemos que o primeiro artigo de linguística escrito por uma mulher é de Odette L. Altmann e aparece apenas no número 9 da revista, publicado em 1966 e o segundo, escrito por Maria Tereza Camargo, no número seguinte, publicado no mesmo ano. Nenhuma mulher é citada nos dois artigos.

Entretanto, o protagonismo feminino na linguística brasileira mostra sua força no tocante à representatividade em suas associações de área. A Associação Brasileira de Linguística – Abralín –, por exemplo, é fundada em 1969 com apenas uma mulher em seu corpo de direção (Maria Marta Coelho, da Universidade Federal do Rio de Janeiro), mas na gestão seguinte tem Ângela Vaz Leão, da Universidade Federal de Minas Gerais, como presidente, o que vem a se tornar uma constante. Das vinte e cinco presidências da associação desde sua fundação, quinze foram mulheres, tendo havido um período de dez mandatos (de 1987 a 2007) apenas de presidentas da associação.

Portanto, a história da linguística brasileira mostra que essa disciplina, pelo menos no país, nunca foi órfã. Pelo contrário, teve e tem muitas mães. E é a partir dessa importante participação de mulheres que construíram a área no Brasil, e não apenas ajudaram a construir, como apresentam algumas narrativas historiográficas mais condescendentes, que o projeto “Linguística no feminino”

é lançado, visando contribuir para a historiografia dos estudos linguísticos no Brasil através da história de suas protagonistas.

O volume apresenta uma amostra da importante contribuição feminina na formação da linguística brasileira, através de narrativas, algumas vezes autorais, outras, contadas por pessoas queridas de grandes linguistas que já nos deixaram, que mostram sua trajetória na área e nas quais podemos capturar a extraordinária parcela de cada uma na construção da linguística no país. Os textos aqui reunidos são muito pessoais e, por isso, não sofreram nenhuma interferência dos organizadores, nem na forma nem no conteúdo, pois assim refletem o perfil de suas homenageadas. Mesmo sendo um pequeníssimo recorte, “Linguística no feminino” pretendeu ilustrar o protagonismo feminino em muitas áreas dos estudos linguísticos no país.

Esperamos com essa humilíssima obra poder contribuir oferecendo esse espaço para a devida visibilidade que as linguistas brasileiras merecem. Para encerrarmos essa breve apresentação, parafraseamos o título do livro de Teresa Moure (2021), lembrando que a linguística e sua história se escrevem com A!

Referências

ALTMANN, O. G. L. O particípio presente e o gerúndio no Anfítrion de Plauto. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 9, 1966.

CAMARGO, M. T. Vocabulário teológico: um vocabulário para-temporal? **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 10, 1966.

GOMES, Valéria Severina; ALMEIDA, Sherry Morgana Justino; SILVA, Emanuel Cordeiro da; RANIERI, Thaís Ludmila da Silva; SILVA, André Pedro. **Cartografia gelNE**. 20 anos de pesquisa em Linguística e Literatura. Vol. I e II. Campinas: Pontes, 2019.

JESPERSEN, Otto. **Language, its nature, development, and origin**. New York,

LINGÜÍSTICA NO FEMININO

Henry Holt and Co., 1922.

MOURE, Teresa. **Lingüística se escribe con A**. La perspectiva de género em las ideas sobre el language. Madrid: Catarata, 2021.

LINGUÍSTICA NO FEMININO